

LÚCIA E VALMIR: A LIDERANÇA DAS MULHERES DE BENEFÍCIO COMO INSPIRAÇÃO



ESPERANÇA, PARAÍBA

LÚCIA E VALMIR: A LIDERANÇA DAS MULHERES DE BENEFÍCIO COMO INSPIRAÇÃO

ESPERANÇA, PARAÍBA

Outubro, 2021

Realização



AS·PTA

INNOVA
Agricultura Familiar

Financiadores

FIDA
Investindo nas populações rurais



Pesquisa e sistematização:

Wagner dos Santos Lima
Ednaldo da Silva Rodrigues
Sabrina Fidelis
Maria Denise Pereira da Silva
Marizelda Salviano

Revisão:

Denis Monteiro
Luciano Silveira
Paulo Petersen

Projeto Gráfico:

Z.dizain Comunicação

Fotos:

Flávio Costa @flaviorcosta

Realização:

Polo da Borborema
AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia
INNOVA-AF

Financiadores:

FIDA | IICA

Polo da Borborema

BR104 Km 06 – Distrito de São Miguel
Esperança | Paraíba | CEP: 58135-000
Caixa Postal: 37
E-mail: poloborborema@uol.com.br

 [polodaborborema](#)

AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia

BR104 Km 06 – Distrito de São Miguel
Esperança | Paraíba | CEP: 58135-000
Caixa Postal: 33
E-mail: asptapb@aspta.org.br
www.aspta.org.br

 [asptaagroecologia](#)

 [agroecologiaaspta](#)

INNOVA-AF

O projeto busca fortalecer as capacidades das famílias camponesas por meio da gestão participativa do conhecimento e da disseminação de boas práticas para a adaptação às mudanças climáticas. Implementado durante 2018 – 2022 em oito países da América Latina e do Caribe, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e inclusivo do meio rural.

<https://innova-af.iica.int/>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. CARACTERIZAÇÃO	6
3. TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA	7
4. DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO AGROECOSSISTEMA	12
5. ANÁLISE DOS ATRIBUTOS DE SUSTENTABILIDADE	16
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
ANEXO	20



1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta os principais resultados do estudo realizado com o casal Lúcia e Valmir, que residem no município de Esperança, Paraíba, com base no método Lume de análise econômico-ecológica de agroecossistemas¹. A equipe, composta de assessores da AS-PTA e da direção do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Esperança, realizou entrevistas semiestruturadas com o casal entre outubro de 2020 e agosto de 2021.

O estudo foi realizado no quadro do projeto INNOVA-AF, iniciativa que busca fortalecer as capacidades das famílias camponesas por meio da gestão participativa do conhecimento e da disseminação de boas práticas para a adaptação às mudanças climáticas em oito países da América Latina e do Caribe, contribuindo para o desenvolvimento sustentável e inclusivo do meio rural.

Além desta introdução, o texto contém seis seções. A seção 2 apresenta uma caracterização geral do agroecossistema e a seção 3 aborda fatos importantes da trajetória da família. A seção 4 é dedicada à descrição da estrutura e do funcionamento do agroecossistema. A seção 5 é dedicada à análise de sustentabilidade, com ênfase no atributo Integração social. A sexta e última seção apresenta as considerações finais.

1. Os procedimentos metodológicos estão detalhados em anexo.

2. CARACTERIZAÇÃO

O núcleo social de gestão do agroecossistema (NSGA) é composto do casal Maria Lúcia (34 anos) e Valmir (37) e de suas filhas Maria Clara (8), Ana Luiza (4) e Ana Vitória (nascida em 2021).

O agroecossistema está localizado na comunidade de Benefício, região de agreste do município de Esperança. É uma região de relevo suave, com solos arenosos e ocupados sobretudo com cultivos anuais de grãos e tubérculos, além da criação de animais. É caracterizada por pequenas propriedades cuja extensão varia de 0 a 5 ha.

Desde 2013, a família vive em uma área própria de 1,3 ha, localizada a 6 km da sede municipal. Assim como outras famílias da comunidade, Lúcia e Valmir estão integrados às dinâmicas de promoção da agroecologia coordenadas pelo Polo da Borborema e assessoradas pela AS-PTA.

Em 2020, a família obteve rendas do trabalho de Valmir como pedreiro, da agricultura e de políticas sociais. O trabalho agrícola foi desenvolvido exclusivamente pelo casal e os alimentos produzidos no ciclo anual analisado foram destinados ao autoconsumo e a vendas na comunidade.

Lúcia e Valmir participam dos espaços de integração social na comunidade, com destaque para Lúcia, que atualmente faz parte da diretoria da associação comunitária e é animadora do banco de sementes e das ações da igreja católica na comunidade.

3. TRAJETÓRIA DA FAMÍLIA

2008

Lúcia e Valmir se casaram em 2008. O início da vida do casal foi difícil: moravam em uma casa pequena, plantavam e criavam nas terras do pai de Valmir, sem autonomia para promoverem investimentos na terra. Para garantirem uma renda mínima, Lúcia vendia produtos como perfumes e bijuterias e Valmir trabalhava na extração de pedras na comunidade.

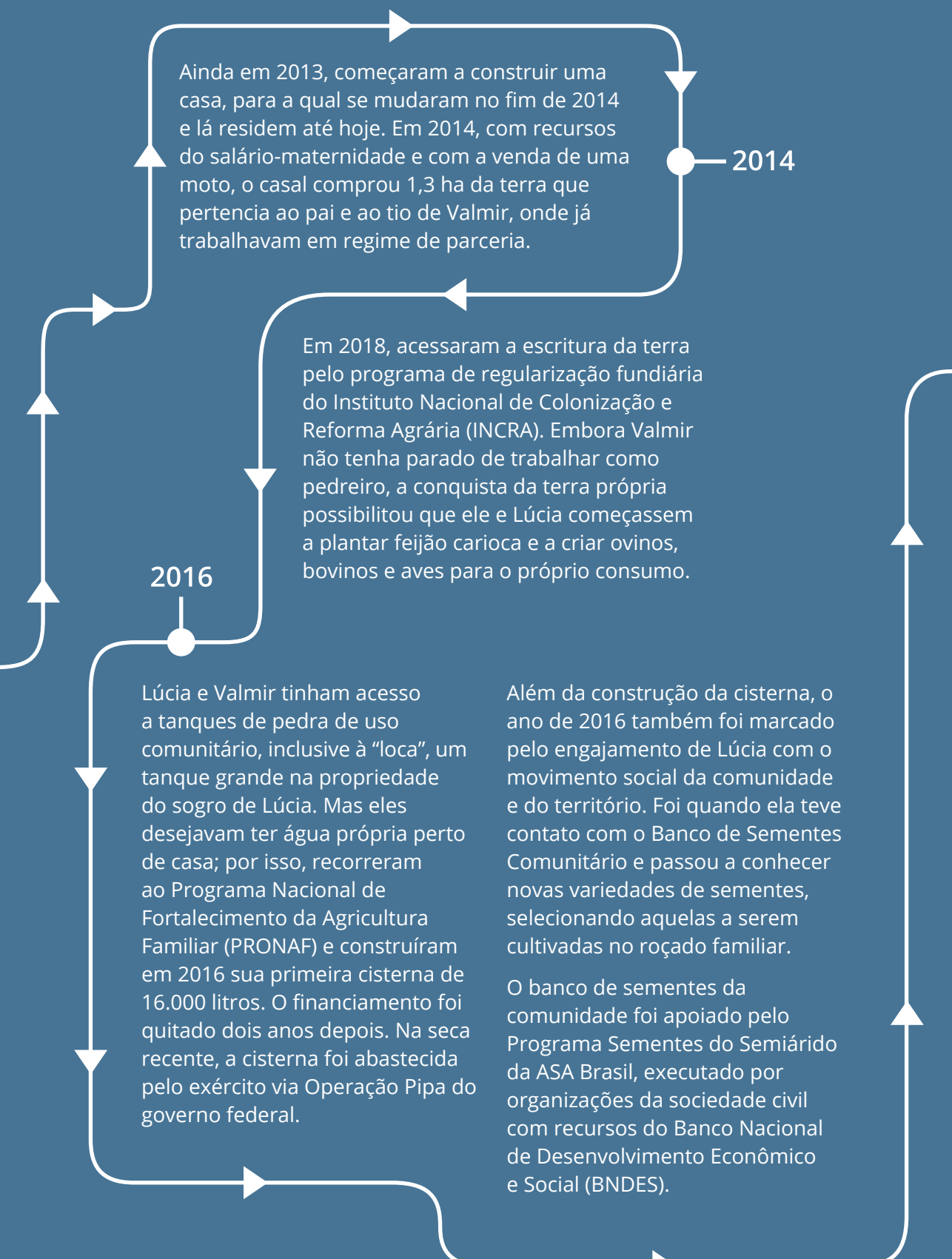
Lúcia chegou a trabalhar durante um mês como doula, em Itapipoca, no Ceará. Valmir trabalhou em João Pessoa como servente de pedreiro. Nesse período, a família conseguiu comprar um carro.

2011

Em 2011, Lúcia se associou ao STTR de Esperança.

2013

A primeira filha, Maria Clara, nasceu em 2013. Lúcia teve assistência médico-hospitalar no posto de saúde na comunidade próxima de Massabiele. Ela conta que neste ano tudo começou a mudar na vida do casal: "Foi a partir do nascimento de Maria Clara que tudo melhorou, ela veio para iluminar e trazer luz. Foi por causa dela que conseguimos nossa terra própria!"



Ainda em 2013, começaram a construir uma casa, para a qual se mudaram no fim de 2014 e lá residem até hoje. Em 2014, com recursos do salário-maternidade e com a venda de uma moto, o casal comprou 1,3 ha da terra que pertencia ao pai e ao tio de Valmir, onde já trabalhavam em regime de parceria.

2014

Em 2018, acessaram a escritura da terra pelo programa de regularização fundiária do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Embora Valmir não tenha parado de trabalhar como pedreiro, a conquista da terra própria possibilitou que ele e Lúcia começassem a plantar feijão carioca e a criar ovinos, bovinos e aves para o próprio consumo.

2016

Lúcia e Valmir tinham acesso a tanques de pedra de uso comunitário, inclusive à "loca", um tanque grande na propriedade do sogro de Lúcia. Mas eles desejavam ter água própria perto de casa; por isso, recorreram ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e construíram em 2016 sua primeira cisterna de 16.000 litros. O financiamento foi quitado dois anos depois. Na seca recente, a cisterna foi abastecida pelo exército via Operação Pipa do governo federal.

Além da construção da cisterna, o ano de 2016 também foi marcado pelo engajamento de Lúcia com o movimento social da comunidade e do território. Foi quando ela teve contato com o Banco de Sementes Comunitário e passou a conhecer novas variedades de sementes, selecionando aquelas a serem cultivadas no roçado familiar.

O banco de sementes da comunidade foi apoiado pelo Programa Sementes do Semiárido da ASA Brasil, executado por organizações da sociedade civil com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

2018

Ana Luiza, a segunda filha do casal, nasceu em 2018. Lúcia destaca que é difícil ter que sair e deixar suas filhas com outra pessoa, mas tem encontrado meios de vencer essa dificuldade. Ainda no ano de 2018, realizou seu sonho de conquistar a Carteira Nacional de Habilitação (CNH), com recursos obtidos por Valmir em uma empreitada. Ela relata que começou a dirigir desde quando se casou, pois percebeu que não podia ficar dependendo do esposo, que estava sempre trabalhando.

2019

No ano seguinte, Lúcia participou pela primeira vez da Marcha Pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia, que estava em sua décima edição. O evento aconteceu no município de Remígio, e a agricultora se envolveu ativamente no processo preparatório em sua comunidade. Foi a partir dessa experiência que Lúcia começou a se dedicar com mais vigor ao desenvolvimento de seu território e de sua comunidade na perspectiva da agroecologia.

Tornou-se vice-presidente da Associação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Benefício, sócia e guardiã do Banco de Sementes Comunitário, e se engajou nas atividades promovidas pelo STTR de Esperança e pelo Polo da Borborema, com destaque para as comissões de saúde e alimentação e sementes. Passou a servir na capela da comunidade como catequista infantil, coordenadora da Crisma e do Terço das Mulheres. “A partir do momento em que me envolvi na Associação e na Marcha, foi quando comecei a dar valor à agricultura e tive mais conhecimento. O depoimento das mulheres mudou a minha vida, porque sou muito sentimental, com tudo eu choro”, destaca Lúcia.

Ela fala com bastante entusiasmo da confraternização das mulheres que passou a organizar na comunidade de Benefício desde dezembro de 2019, no período de Natal. É notável a presença de mulheres como lideranças na comunidade, a exemplo de Ritinha e Ligória, que são inspiração para Lúcia.

Nesse mesmo ano, a família acessou o segundo financiamento PRONAF e resolveu fazer outros investimentos para ampliar as infraestruturas. Construíram cercas na propriedade, outra cisterna de 16.000 litros e um galpão de armazenamento da colheita. O financiamento foi quitado em 2020. O recurso do salário-maternidade, recebido depois do nascimento de Ana Luiza, foi investido em uma moto.

Ainda em 2019, Lúcia participou do Fundo Rotativo Solidário (FRS) de telas, com um grupo formado por dez pessoas da comunidade. Sua ideia era investir num cercado telado para a criação de galinhas. No ano seguinte, a família foi contemplada com um rolo de tela do FRS e começou a estruturar o galinheiro.

2020

Em 2020, com a pandemia de COVID-19, um dos grandes desafios foram as aulas remotas. Lúcia relata que no início se sentiu muito sufocada, porque Maria Clara teve dificuldade de se envolver nas atividades virtuais. Foi quando ela passou a dedicar mais tempo para auxiliar sua filha e percebeu um grande avanço no aprendizado. "A professora faz chamada de vídeo e, de quinze em quinze dias, vêm as tarefas impressas, até Ana Luiza está querendo fazer tarefa agora". Em casa, as filhas brincam no balanço na árvore que fica na frente da casa, interagem com os animais de estimação e assistem a desenhos na televisão e no celular.

2021

Em 2021, a família passou a participar de ações comunitárias promovidas pelo projeto INNOVA-AF. Lúcia teve um papel protagonista na organização dos fundos solidários da comunidade. Integrando-se ao FRS, foi contemplada com um fogão ecológico que teve efeitos positivos na economia da família. Foi também contemplada com o FRS de palma resistente à cochonilha do carmim, responsabilizando-se por doar novas raquetes no próximo período chuvoso. Além disso, recebeu mudas de usos múltiplos para diversificar sua propriedade.

Outras inovações comunitárias foram proporcionadas pelo projeto INNOVA-AF, como o incentivo à produção de silagem por meio da gestão de uma máquina motoensiladeira, uma bomba para recarga de água e o aumento da eficiência do armazenamento das águas das chuvas. Além disso, com o apoio desse projeto, o grupo de mulheres de Benefício organizou uma minifábrica de farinha que vem empolgando toda a comunidade.

Em outubro de 2021, nasceu Ana Vitória, terceira filha do casal.

4. DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO AGROECOSSISTEMA

No ano de 2020, foram identificados três subsistemas – quintal, roçado e aves – apresentados a seguir:



QUINTAL

o subsistema quintal ocupa uma área de 0,5 ha, onde a família cultiva fruteiras como graviola, pinha, caju, acerola, goiaba e erva cidreira. As mudas foram obtidas a partir das relações estabelecidas nas dinâmicas do Polo da Borborema e do STTR.

Em 2020 eles colheram goiaba, acerola e erva cidreira, que foram consumidas pela família e doadas na comunidade. Lúcia faz suco de acerola e goiaba e congela os frutos. Faz também dindim² para consumo da família. Ela conta, com muita satisfação, que o chá oferecido nas reuniões da associação e do banco de sementes é feito com plantas colhidas no seu quintal.

2. Suco de fruta congelado em saquinhos de plástico.

ROÇADO

numa propriedade pequena, a diversidade é uma estratégia importante adotada pelas famílias. No subsistema roçado (1,0 ha) foram cultivados feijão carioca, feijão rosinha, feijão macassar, milho, maxixe e abóbora forrageira. A família preserva a tradição de consumir feijão e milho verde obtidos de seus roçados e faz comidas típicas com milho, como pamonha e canjica. A produção do roçado em 2020 foi destinada ao autoconsumo da família, mas Lúcia e Valmir também fizeram doações e venderam produtos na comunidade. A inserção na dinâmica da comissão municipal de sementes permitiu à família aprimorar as estratégias de seleção e armazenamento das sementes. Diversas sementes são guardadas no banco comunitário. “Temos feijão para o ano todo para a nossa alimentação e também para plantar, e comercializamos aqui mesmo na comunidade”. Colheram milho, destinado ao autoconsumo e à alimentação das galinhas. Parte da produção do roçado, como abóbora forrageira e palha de milho, foi vendida ou doada a parentes de Valmir e destinada à alimentação animal.



AVES

a família cria galinhas desde 2008, com o objetivo de ter ovos e carne para o autoconsumo. O número de animais varia de 8 a 25, dependendo da produção do roçado. No ano de 2020 a família manteve um plantel de 15 galinhas. Nesse subsistema, a família mantém um pequeno chiqueiro para prender as galinhas para o abate, o que permite recolher o esterco. Em 2020, um saco de milho produzido no subsistema roçado foi destinado à alimentação das galinhas.

As duas cisternas e o tanque de pedra que a família denomina de “loca”, o banco de sementes e o chiqueiro das aves, que fornece esterco para as fruteiras e para o roçado, são os mediadores de fertilidade.



No ciclo analisado, a família não criou bovinos, considerados por Lúcia e Valmir como uma poupança viva. Na última seca, o cuidado com os bovinos os deixou sobrecarregados e foi necessário comprar palma forrageira, além de precisarem recorrer à doação de capim dos vizinhos. Em 2020 também não tinham ovinos, criados em anos anteriores amarrados na corda, o que demandava muitos cuidados e tempo, especialmente de Lúcia. Quando, no período da seca, os animais consumiram toda a forragem estocada e o consumo de ração concentrada aumentou, eles decidiram que a melhor opção era vender os animais.

A análise dos fluxos de insumos no ciclo 2020 mostra que não houve compra de insumos no mercado convencional. O esterco das aves foi utilizado no roçado e no quintal. As sementes foram produzidas no próprio agroecossistema e armazenadas no banco de sementes. O milho produzido no roçado foi utilizado na alimentação das galinhas. As mudas do subsistema quintal foram obtidas por relações de reciprocidade na comunidade ou doadas pelo STTR de Esperança. No subsistema quintal, foi utilizada água de banho e lavagem de roupas e louças.

Os principais custos produtivos no ciclo analisado foram os pagamentos de mensalidades da associação e do STTR e também a conga, que é o pagamento de 20% da produção do feijão ao dono da máquina usada para beneficiar a colheita.

A maior parte da produção em 2020 foi destinada ao autoconsumo, perfazendo um total de nove tipos de alimentos diferentes, com destaque para feijão, ovos, carne de galinha, acerola e goiaba. O principal produto comercializado foi o feijão carioca.

5. ANÁLISE DE SUSTENTABILIDADE DO AGROECOSSISTEMA

Para a análise dos atributos de sustentabilidade, tomou-se como referência o ano de 2013, quando nasceu Maria Clara, período em que se preparavam para a aquisição da propriedade da família e construíam sua casa. A partir deste momento, Lúcia se integrou ativamente às dinâmicas promovidas pelo STTR e pelo Polo da Borborema, o que resultou em inovações cujos efeitos podem ser verificados na análise dos atributos de sustentabilidade do agroecossistema. Os índices sintéticos de cada atributo em 2020 e 2013 são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Índices sintéticos dos atributos de sustentabilidade do agroecossistema gerido por Lúcia e Valmir em 2013 e 2020

Atributos Sistêmicos	Índice em 2013	Índice em 2020
Autonomia	0,39	0,71
Responsividade	0,20	0,55
Integração Social	0,10	0,65
Equidade de Gênero / Protagonismo das Mulheres	0,20	0,55
Índice de SÍNTESE (0-1)	0,22	0,62

A análise do atributo integração social (Figura 1) mostra que as mudanças mais significativas desde 2013 se referem à participação de Lúcia em espaços político-organizativos na comunidade (associação, banco de sementes e Igreja) e nas dinâmicas do Polo da Borborema assessoradas pela AS-PTA (Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia; comissões de saúde e alimentação e sementes do Polo). Esses espaços mobilizam redes sociotécnicas de aprendizagem, nas quais Lúcia participou no período analisado. Eles dinamizaram também espaços de gestão de bens comuns, com destaque para o banco comunitário de sementes e o fundo rotativo solidário. Lúcia se envolveu ativamente nesses dois espaços nos últimos anos.

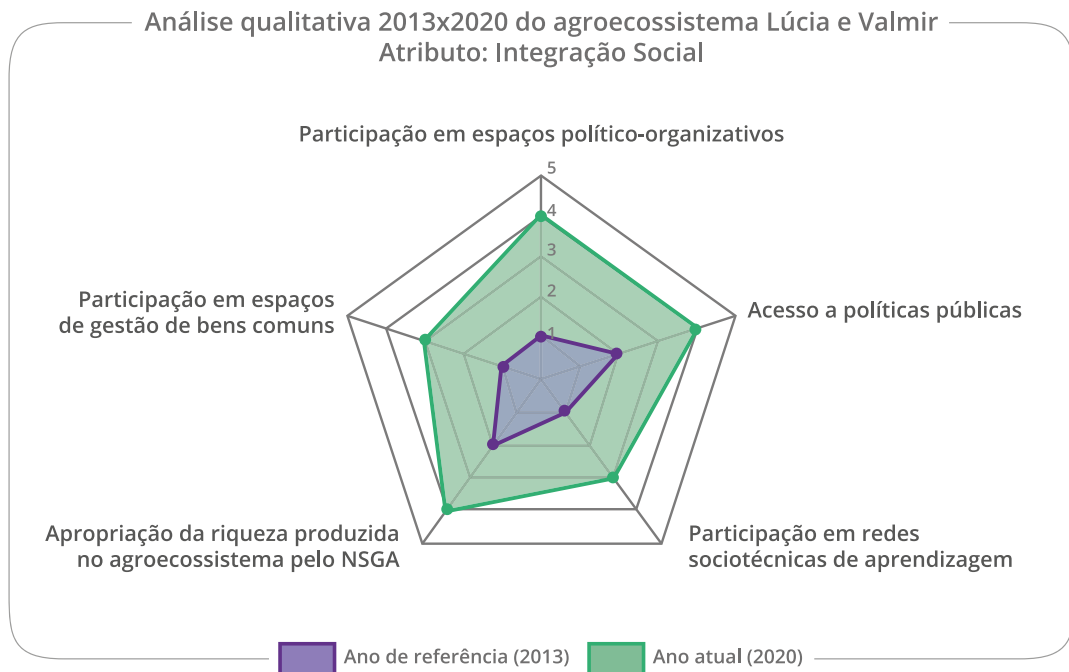


Figura 1: Representação de mudanças qualitativas relacionadas à integração social do agroecossistema de Lúcia e Valmir entre 2013 e 2020. Esperança, Paraíba.

Entre as políticas públicas acessadas no período, cabe destacar o PRONAF, os Programas Bolsa Família, Salário-Maternidade e Operação Pipa do governo federal, o Programa de Regularização Fundiária do INCRA e o Programa Sementes do Semiárido. Este último apoiou diretamente a estruturação do banco comunitário de sementes, um dispositivo de ação coletiva que tem efeitos positivos no agroecossistema de Lúcia e Valmir, como pode ser verificado pela elevada autonomia em sementes para a produção de feijão – cultivo importante para a segurança alimentar da família – e de milho, que atende tanto o consumo familiar quanto a alimentação das galinhas.

Ainda em relação às políticas públicas, nota-se que Lúcia e Valmir não foram beneficiários de dois programas importantes: o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) e o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2). Ambos os programas sofreram cortes expressivos em seus orçamentos exatamente nos anos posteriores ao engajamento de Lúcia nas redes sociotécnicas que dinamizavam o acesso aos programas.

A análise de autonomia apontou que permanecia como um gargalo a baixa disponibilidade de forragem para alimentação de

bovinos e ovinos. Esse dado, associado aos anos de seca no período analisado, levou a família à decisão de vender os animais.

Uma das mudanças mais significativas para a família conquistar maior autonomia foi a aquisição da terra própria em 2014, com recursos de pluriatividade e do salário-maternidade. Também foram verificadas inovações relacionadas às sementes e, neste contexto, o banco comunitário e as dinâmicas da comissão de sementes do Polo contribuíram para maior autonomia em relação a esse insumo, assim como para o incremento da biodiversidade no agroecossistema. Como resultado, nos últimos anos, a família obteve aumento e diversificação da produção para o autoconsumo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de Valmir como pedreiro garante a maior parte da renda da família. Suas habilidades profissionais também vêm sendo empregadas na construção de novas infraestruturas que garantem o acesso à água perto de casa e são importantes para a produção de alimentos voltados ao autoconsumo.

A participação de Lúcia nas atividades comunitárias e nas dinâmicas do Polo da Borborema tem marcado a história recente da família. Sua satisfação em participar desses espaços e a produção de alimentos com elevada autonomia em relação a insumos externos são efeitos positivos da integração da agricultora às redes.

O entusiasmo de Lúcia ao falar da participação em espaços nos quais as mulheres exercem liderança e a boa capacidade de trabalho da família – aprimorada recentemente com novos conhecimentos adquiridos nas redes de agroecologia – resultaram na diversificação da produção no agroecossistema nos últimos anos. Nos ciclos agrícolas subsequentes, é possível que haja um aumento da produção e maior diversificação dos produtos, o que certamente resultará em melhorias na qualidade de vida desta jovem família do território da Borborema.

ANEXO: NOTAS METODOLÓGICAS

Foram utilizados no estudo os seguintes instrumentos metodológicos, preconizados pelo método Lume de análise econômico-ecológica de agroecossistemas para levantamento e registro ordenado de informações a campo: a) travessia pelo estabelecimento, para identificação dos subsistemas de produção e do capital fundiário; b) elaboração de um mapa do agroecossistema; c) elaboração de um modelo explanatório para a representação da trajetória do agroecossistema no tempo (linhas do tempo); d) elaboração de um modelo para a identificação das origens dos insumos consumidos e destinos dos produtos gerados (diagramas de fluxos de produtos e insumos); e) planilha para o registro de informações quantitativas da economia do agroecossistema no ciclo anual de 2020.

Foram analisados os seguintes atributos de sustentabilidade: integração social, autonomia, responsividade, equidade de gênero/protagonismo das mulheres e protagonismo da juventude. Cada atributo foi avaliado a partir de julgamentos qualitativos de um conjunto de parâmetros, tomando-se como referência as mudanças registradas na linha do tempo. Cada parâmetro foi avaliado tendo como referência a configuração do agroecossistema em dois momentos de sua trajetória (2020 e 2013), segundo as seguintes notas: muito baixo, baixo, médio, alto, muito alto. As justificativas para as notas foram registradas em um quadro. Foram compostos gráficos do tipo radar a partir das notas, gerando uma representação visual das mudanças qualitativas identificadas entre os dois períodos analisados. Foram produzidos índices sintéticos (de zero a um) para representarem o nível relativo do atributo em 2013 e 2020.

Realização



Financiadores

